SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

Temporada 1997

Abril 8 – 18 – 22

Dame Kiri Te Kanawa, *soprano*

Abril 14 – 15 – 16

Collegium Vocale

Philippe Herreweghe, *regência*

Maio 20 – 21 – 22

Jean-Yves Thibaudet, *piano*

Junho 2 – 3 – 4

Orpheus Chamber Orchestra

Radu Lupu, *piano*

Junho 23 – 24 – 25

Os Virtuoses de Moscou

Vladimir Spivakov, *regência e violino*

Julho 2 – 3 – 4

Alban Berg Quartet, *cordas*

Agosto 27 – 28 – 29

City of Birmingham Symphony Orchestra

Sir Simon Rattle, *regência*

Setembro 15 – 16 – 17

Melos Quartet e Martin Lovett, *cordas*

Outubro 6 – 7 – 8

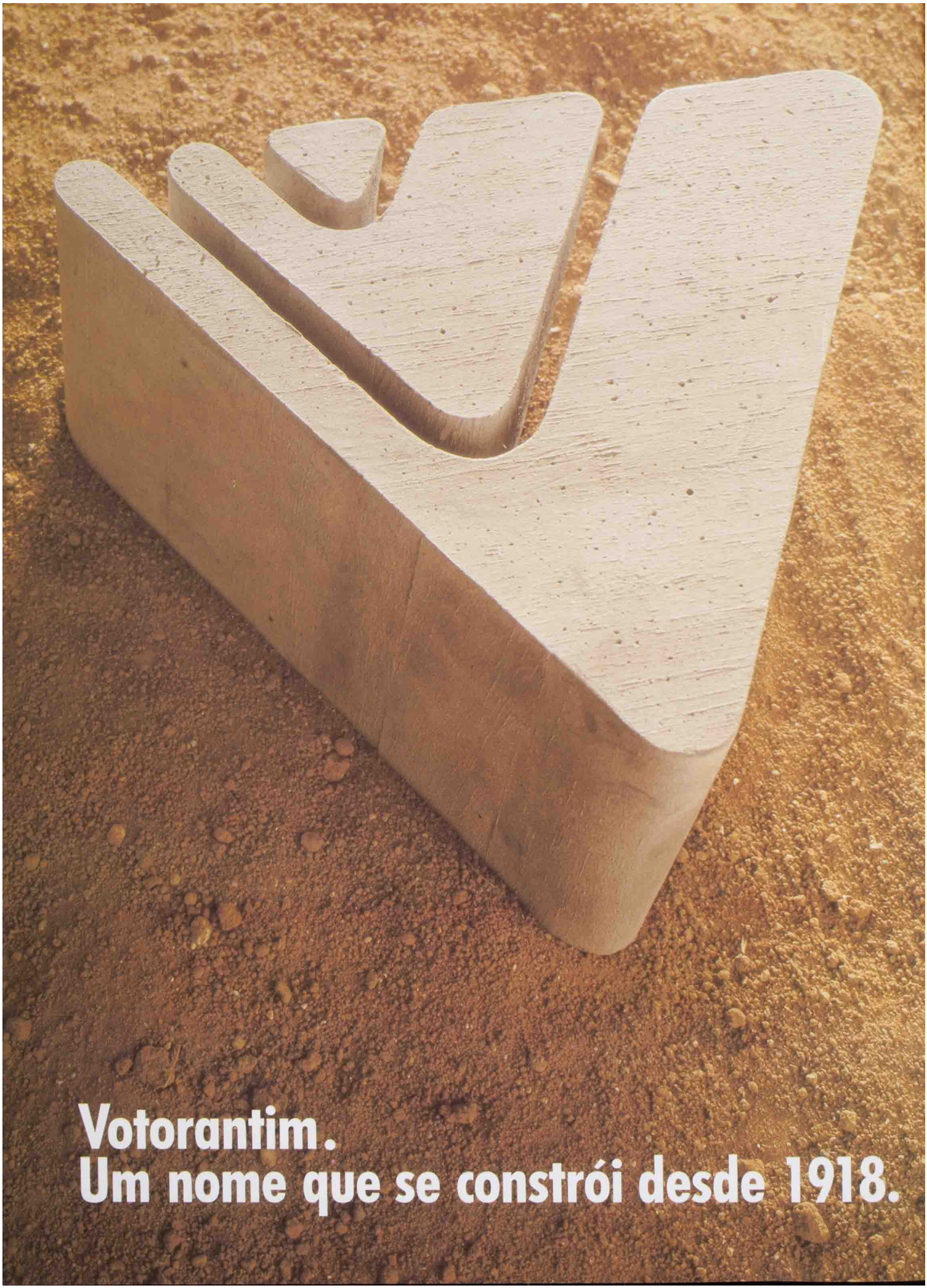
Gustav Leonhardt, *cravo*

Novembro 11 – 12 – 13

Orchestre Philharmonique de Strasbourg

Theodor Guschlbauer, *regência*

Nelson Freire, *piano*


Votorantim.
Um nome que se constrói desde 1918.

1997

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

apresenta

Melos Quartet e Martin Lovett, *cordas*

apoio

LEI DE INCENTIVO À CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA

Apoio Institucional da Prefeitura do Município de São Paulo Lei 10.923/90

AMERICAN EXPRESS

promoção

ELDORADO FM 92.9

patrocínio

BOVESPA Bolsa de Valores de São Paulo

SEMP TOSHIBA

PREVER Previdência

UNIBANCO

Votorantim

Melos Quartet e Martin Lovett

Consagrado por sua excelência musical e pela expressividade e pelo calor de sua arte, o *Quarteto Melos* tornou-se um verdadeiro paradigma para a abordagem do repertório clássico e romântico da música de câmara escrita para quarteto de cordas. Fundado em 1965, em Stuttgart, o *Melos* iniciou sua carreira no cenário internacional da música erudita poucos meses depois de formar-se, vencendo o Concurso de Genebra e o Concurso Villa-Lobos do Rio de Janeiro, e representando a Alemanha no Congresso Mundial da Juventude Musical, realizado em Paris em meados dos anos sessenta. Desde então, o *Quarteto Melos* vem sendo reiteradamente consagrado pelo público e pela crítica especializada no mundo inteiro.

Presença assídua e festejada nas melhores salas de concerto e nos mais prestigiosos festivais internacionais de música, há mais de trinta anos o *Melos* vem cumprindo intensa agenda de recitais em sua formação como quarteto e também já colaborou, em apresentações e gravações, com solistas como Arthur Rubinstein, Mstislav Rostropovich, Fischer-Dieskau, *Sir* Georg Solti e Emanuel Ax.

De 1965 a 1993, o *Quarteto Melos* teve uma única e mesma formação: Wilhelm Melcher e Gerhard Ernst Voss, violinos, Hermann Voss, viola, e Peter Buck, violoncelo. Com a aposentadoria de Gerhard Voss, em 1993, a violinista norte-americana Ida Bieler reuniu-se ao *Melos*, assegurando a continuidade do altíssimo padrão artístico do conjunto e trazendo-lhe renovado impulso e uma " nova cor".

Dentre as apresentações recentes do *Quarteto Melos* destacam-se recitais na Itália, onde tocaram a coleção completa dos Quartetos de Beethoven, e na Espanha, onde mostraram a série integral de Quartetos e Quintetos de Brahms, e sua participação na *Schubertiade*, na Áustria, nos Festivais de Schwetzinger e Ludwigsburger, no Festival Tivoli, em Copenhague, e no Festival do *Châtelet*, em Paris. Na presente temporada internacional de música, a agenda do *Melos* inclui recitais no Japão e na América do Sul, turnê norte-americana e concertos em inúmeras cidades européias.

A discografia do *Quarteto Melos*, registrada sobretudo para os selos *Deutsche Grammophon* e *Harmonia Mundi*, descreve um arco desenhado por boa parte da melhor música de câmara já escrita. Ao longo dos anos, suas gravações têm recebido importantes prêmios internacionais da crítica especializada, dentre os quais se destacam: *Grand Prix du Disque*, pelo registro da coleção completa dos Quarteto para Cordas de Schubert e Mendelssohn; *Deutsche Schallplattenpreis*, pela gravação da série integral dos Quartetos para Cordas de Beethoven e Cherubini, dos Quartetos de Janácek, dos últimos Quartetos de Schubert e do Quinteto para Cordas de Bruckner; *Prix Caecilia*, pela gravação dos Quartetos de Cherubini, Schubert e Mendelssohn; *Prix Mondial du Disque de Montreux*, pelo registro do ciclo integral dos Quartetos de Mendelssohn; e o Prêmio Modeste Mussorgsky, de Tóquio, pela gravação da série completa dos Quartetos de Brahms e Schumann. De sua discografia recente, ou com lançamento previsto para o futuro próximo, merecem destaque ainda os seguintes álbuns: Quinteto em Ré maior, de Schubert, com o violoncelista Wolfgang Boettcher; Quarteto de Cordas em Fá maior, *Opus* 96, e Quinteto de Cordas em Mi bemol maior, *Opus* 97 (com o violista Gerard Causse), de Dvorak; Quarteto de Cordas, *Opus* 34, e Quinteto para Cordas e Piano, *Opus* 81 (com o pianista Karl Engel), de Dvorak; e Quartetos de Cordas de Bartók.

A Bolsa de Valores de São Paulo tem muito orgulho de investir em cultura.
E nos 85 anos da Sociedade de Cultura Artística não podia ser diferente.
BOVESPA, patrocinadora da Temporada Internacional da Sociedade de Cultura Artística.

BOVESPA
Bolsa de Valores de São Paulo

Melos Quartet

Wilhelm Melcher, violino

Natural da cidade de Hamburgo, estudou com Erich Röhn, na Escola Superior de Música de sua cidade natal, e com Arrigo Pelliccia, em Roma, e diplomou-se pela *Accademia Santa Cecilia* de Roma, onde trabalhou sob a orientação de Pina Carmirelli (concerto) e do Quarteto Italiano (música de câmara). Vencedor do Primeiro Prêmio no Concurso de Quartetos *Vacanze Musicalli*, em Veneza, Wilhelm Melcher participou, em diversas oportunidades, do evento "Jovens Solistas no Pódio", na Alemanha, e foi Maestro da Sinfônica de Hamburgo e da Orquestra de Câmara Heilbronn. Paralelamente a suas apresentações nas salas de concerto, como camerista e solista, o violinista Wilhelm Melcher desenvolve também, há mais de duas décadas, atividades docentes, e desde 1980 é Professor da Escola Superior de Música de Stuttgart.

Ida Bieler, violino

Norte-americana do Estado da Virgínia, Ida Bieler estudou na *Juilliard School* de Nova Iorque e na Escola Superior de Música de Colônia, na Alemanha – onde trabalhou sob a orientação de Oskar Shumsky, Max Rostal, Ruggiero Ricci e Nathan Milstein –, e completou sua formação com Felix Galimir e com os Quartetos Amadeus e Juilliard. Vencedora do Primeiro Prêmio do Concurso Internacional de Violino V. Bucchi, em Roma, e do *Concert Artists Guilde*, em Nova Iorque, foi premiada também no Concurso Internacional de Violino do Chile e no certame Vittorio Gui, em Florença. Como solista de concerto, tem-se apresentado na Europa, nas Américas do Norte e do Sul, na Austrália e na Nova Zelândia. Presença assídua em prestigiosos festivais internacionais de música, trabalhou também como Maestra, à frente das Orquestras Gürzenich, em Colônia, na Alemanha. Como professora, Ida Bieler vem ministrando *master classes* na Austrália, na Coréia, nos Estados Unidos e no Brasil, integrou, de 1989 a 1993, o corpo docente da Escola Superior de Música de Frankfurt, e desde 1993 ensina violino na Escola Superior de Música Robert Schumann, em Düsseldorf.

Hermann Voss, viola

Natural da cidade de Brünen, na Alemanha, estudou violino – com Franz Josef Maier, na Escola Superior de Música Robert Schumann, em Düsseldorf, e com Sandor Vegh, na Escola Superior de Música de Friburgo –, e completou sua formação musical, já como violista, com Ulrich Koch. Participante das edições de 1959 e 1960 do Curso de Verão Pablo Casals, em Zermatt, na Suíça, em 1959 Voss foi agraciado com dois importantes

prêmios – no Concurso da Escola Superior de Música de Stuttgart e no Concurso Internacional de Música de Munique –, e de 1960 a 1967 foi "Viola Solista" da Orquestra de Câmara de Stuttgart. Paralelamente a sua carreira como solista e camerista, Hermann Voss desenvolve também, desde 1975, atividades docentes, dentre as quais se destacam *master classes* na Alemanha, o ensino da disciplina "Quarteto de Cordas" e seu trabalho como Professor de Viola e Música de Câmara na Escola Superior de Música de Stuttgart.

Peter Buck, violoncelo

Alemão natural da cidade de Stuttgart, iniciou seus estudos musicais, como violoncelista, com os Quartetos Wendling e Saal, prosseguiu estudando na Escola Superior de Música de Stuttgart, onde teve Alfred Gemeinhardt como professor, e completou sua formação participando de *master classes* de Ludwing Hoelscher e trabalhando sob a orientação de Pierre Fournier. Premiado na edição de 1961 do Concurso da Escola Superior de Música de Munique, por diversos anos ocupou a posição de "Violoncelo Solista" da Orquestra de Câmara Württembergischen, em Heilbronn. Além de sua carreira como solista e camerista, Peter Buck desenvolve também atividades docentes – dentre as quais se destaca seu trabalho como Professor na Escola Superior de Música de Stuttgart, posição que ocupa desde 1980 –, e de coordenação artística de eventos como o *Oberstdorfer Musiksommer – Internationale Meisterkurse und Konzert Festival*, por cuja direção artística o violoncelista responde desde o ano de 1993.

Martin Lovett, violoncelo

Inglês nascido em Londres, começou a estudar violoncelo com seu pai, aos onze anos de idade, e completou sua formação na *Royal College of Music*. Quatro anos depois de formar-se, fundou, ao lado de três colegas, o lendário *Quarteto Amadeus*, que até 1987, quando da morte do violista Peter Schildlof, permaneceu por mais de quatro décadas com a mesma formação inicial, verdadeiro feito na história da música de câmara do século XX. Dentre as inúmeras honrarias e homenagens recebidas por Martin Lovett, individualmente ou em conjunto com o *Quarteto Amadeus*, destacam-se a *Order of The British Empire*, concedida por Sua Majestade a Rainha Elizabeth II, os títulos de Doutor *Honoris Causa* pelas Universidades de Londres e de York, a Grande Cruz do Mérito do Governo Alemão, a Cruz de Honra das Artes e Ciências do Governo Austríaco, o título de Membro Honorário da *Royal Academy of Music*, onde é hoje professor convidado, e a posição de membro da *Royal Society of Arts* de Londres. Desde o término do *Quarteto Amadeus*, Martin Lovett vem-se apresentando ao lado de formações como o *Trio Amadeus* de Piano, com Norbert Brainin, e o *Quarteto Melos*, com o qual realiza esta turnê latino-americana.

Programa

15 DE SETEMBRO – SEGUNDA-FEIRA, 21H

Primeira Parte

WOLFGANG AMADEUS MOZART (1756 – 1791)

Quarteto em Sol maior, K.387

Allegro vivace assai
Menuetto (Allegro)
Andante cantabile
Molto allegro

ANTONÍN DVORAK (1841-1904)

Quarteto para Cordas nº 9 em Ré menor, *Opus* 34

Allegro
Scherzo (Alla polka)
Adagio
Poco allegro

Segunda Parte

FRANZ SCHUBERT (1797-1828)

Quinteto em Dó maior, D.956

Allegro ma non troppo
Adagio
Scherzo (Presto) e Trio (Andante sostenuto)
Allegretto

16 DE SETEMBRO – TERÇA-FEIRA, 21H

Primeira Parte

FRANZ SCHUBERT (1797-1828)

***Quartettsatz* nº 12 em Dó menor, D.703**

Allegro

WOLFGANG AMADEUS MOZART (1756 – 1791)

Quarteto em Dó maior, K.465 "Dissonâncias"

Allegro
Andante cantabile
Menuet (Allegretto)
Allegro

Segunda Parte

FRANZ SCHUBERT

Quinteto em Dó maior, D.956

Allegro ma non troppo
Adagio
Scherzo (Presto) e Trio (Andante sostenuto)
Allegretto

17 DE SETEMBRO – QUARTA-FEIRA, 21H

Primeira Parte

JOSEPH HAYDN (1732-1809)

Quarteto em Si bemol maior, *Opus* 76, nº4 (Hob.III.78) – "Alvorada"

Allegro ma con spirito
Adagio
Menuetto (Allegro)
Allegro ma non troppo

ANTONÍN DVORAK (1841-1904)

Quarteto para Cordas nº 12 em Fá maior, *Opus* 96 – "Americano"

Allegro ma non troppo
Lento
Molto vivace
Vivace ma non troppo

Segunda Parte

FRANZ SCHUBERT (1797-1828)

Quinteto em Dó maior, D.956

Allegro ma non troppo
Adagio
Scherzo (Presto) e Trio (Andante sostenuto)
Allegretto

PRÓXIMAS APRESENTAÇÕES

Gustav Leonhardt, *cravo*

6 DE OUTUBRO

COUPERIN	Suíte em Ré menor
	Tombeau de Mr. Blancrocher
FROBERGER	*Tombeau de Mr. Blancrocher*
	Tocata nº 21
	Ricercar nº 5
	Suíte em Dó menor
	Tocata nº 9
D'ANGLEBERT	Suíte em Sol maior
FORQUERAY	Suíte em Dó menor

7 DE OUTUBRO

DUMONT	*Allemande grave*
LEROUX	Suíte em Fá maior
ROYER	*Les Tendres Sentiments*
	Marche pour le Sacrifice
RAMEAU	*Les Tendres Plaintes*
	L'Entretien des Muses
	Les Tourbillons
	Sarabande
	Menuets
	L'Enharmonique
FORQUERAY	*La Laborde, La Forqueray, La Cottin, La Bellmont, La Portugaise, La Couperin*

8 DE OUTUBRO

BÖHM	Prelúdio em Sol menor
	Wer nur den lieben Gott lässt walten
	Suíte em Fá menor
J. S. BACH	Fantasia em Lá menor
	Fantasia em Dó menor
	Prelúdio, Fuga e *Allegro* em Mi bemol maior
W. F. BACH	Três *Polonaises*
J. S. BACH	Sonata em Lá menor
	Suíte em Mi menor, *für das Lautenwerk*

Quem trata pelo nome mais de 320.000 clientes merece um prêmio.

TOP DE MARKETING 97
"Marketing de Relacionamento"

PREVER
Previdência
TEM FUTURO,
TEM PREVER.
HSBC BAMERINDUS•UNIBANCO

ADD

WOLFGANG A. MOZART (1756 – 1791)

Quarteto em Sol maior, K.387
Quarteto em Dó maior,
K.465 – "Dissonâncias"

Mozart é um caso único na história da música ocidental. Menino-prodígio visto como um autêntico fenômeno por seus contemporâneos, ele conseguiu desenvolver grandemente o seu talento inato, a ponto de elevar a composição musical a alturas dificilmente alcançadas por outros gênios. Dentro da sua numerosa produção camerística, os quartetos de cordas ocupam lugar de destaque. Espalhados por vinte anos da carreira do autor, organizam-se em grupos nitidamente individualizados. Suas obras mais significativas no gênero foram escritas a partir do momento em que conheceu, ao 17 anos, os quartetos de Haydn, compositor ao qual se ligaria por forte amizade.

O Quarteto em Sol maior, K.387, é o primeiro da série de seis quartetos que Mozart dedicou ao amigo modelar Haydn. Completado no dia 31 de dezembro de 1782, é considerado, simultaneamente, o primeiro quarteto de cordas da maturidade do autor e uma de suas partituras mais densas e elaboradas. O *Allegro vivace assai* inicial é um movimento repleto de fortes contrastes e suas passagens polifônicas apontam para o universo musical de Bach.

O *Menuetto* que vem em seguida transforma a velha dança em pura vitalidade sonora; seu trio em Sol menor escurece momentaneamente a jubilosa atmosfera do movimento.

O *Andante cantabile*, por sua volta, é considerado o ponto alto expressivo da partitura e é

TALENT

OS ESTÚDIOS DE CINEMA GASTAM MILHÕES DE DÓLARES EM EFEITOS ESPECIAIS PARA VOCÊ ASSISTIR NUM VÍDEO MEIA-BOCA?

TOSHIBA V3 COM EXCLUSIVA FUNÇÃO RENTAL POSITION. DEVOLVE À IMAGEM A SUA QUALIDADE ORIGINAL.

PARA FAZER JUS A UMA SUPERPRODUÇÃO, SÓ MESMO ASSISTINDO NUM TOSHIBA V3. O ÚNICO 6 CABEÇAS* COM A FUNÇÃO RENTAL POSITION, QUE DEVOLVE A QUALIDADE DA IMAGEM ORIGINAL, MESMO NAS FITAS MUITO USADAS. E A EXCLUSIVA TECNOLOGIA V3, QUE CAPTA OS SINAIS DIRETAMENTE PELAS CABEÇAS DO VÍDEO E QUE OS AMPLIFICA DENTRO DO PRÓPRIO CILINDRO. OU SEJA, O SINAL NÃO TEM QUE "PASSEAR" PELO CIRCUITO DO APARELHO, O QUE RESULTA NUMA EXCEPCIONAL MELHORIA DA IMAGEM. POR ISSO, SE VOCÊ QUER TER CINEMA DE VERDADE EM SUA CASA, NÃO ESQUEÇA, VOCÊ PRECISA TER UM TOSHIBA V3.

INFORMAÇÕES E ATENDIMENTO AO CONSUMIDOR HOT LINE: (011) 523-9744.

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS. CONHEÇA A AMAZÔNIA.

TOSHIBA

SEMP TOSHIBA

OS NOSSOS JAPONESES SÃO MAIS CRIATIVOS QUE OS JAPONESES DOS OUTROS.

recheado de audácias harmônicas. O final, *Molto allegro*, alia de maneira exuberante a escrita fugada herdada do barroco a uma temática tomada de empréstimo da comicidade das situações do mundo da *opera buffa*.
O Quarteto em Dó maior, K.465, foi completado no dia 14 de janeiro de 1785. É obra em geral extrovertida que, entretanto, guarda muitas surpresas para o ouvinte mais atento.
O *Allegro* de abertura é precedido por uma introdução lenta (*Adagio*) em tonalidade menor, de efeito espantoso: aí as vozes instrumentais exibem as mais arriscadas dissonâncias – daí o apelido do Quarteto. Essa tenebrosa introdução liga-se a um ensolarado *Allegro*, onde três temas salientes são logo mostrados. O desenvolvimento dessa forma-sonata é tenso, áspero e portador de intrincadas passagens em contraponto. Em seguida, o *Andante cantabile* desenrola uma das mais belas inspirações líricas do compositor. O *Menuet* (*Allegretto*), de uma alegria sadia e um tanto rude, joga com fortes contrastes de dinâmica; seu trio, em Dó menor, tem um tema particularmente cantante.
O andamento final, *Allegro*, é uma espécie de homenagem a Haydn, concretizada, de maneira triunfal, através do arquétipo da forma-sonata visto com muita verve e fantasia.

ANTONÍN DVORAK (1841 – 1904)

Quarteto para Cordas nº 9 em Ré menor, *Opus* 34
Quarteto para Cordas nº 12 em Fá maior, *Opus* 96 – "Americano"

Dvorak foi um dos principais compositores checos do século XIX, tendo sido chamado, mais de uma vez, de "um Brahms caloroso e meridional". Vivendo em um dos últimos estágios do período romântico, foi exceção entre seus pares ao revelar em sua música, com freqüência, otimismo e paz de espírito. Sua arte é uma aliança da vontade de erigir formas claras e lógicas e da necessidade íntima de impregnar esses arquétipos de sentimento nacional.
De início, influenciou-se pelas ousadias harmônicas de Wagner e pelas propostas formais inovadoras de Liszt. Entretanto, na maturidade, acabou por optar por um quadro de referências mais clássico, elegendo Brahms como modelo e devotando enorme amor pelas obras de Mozart e Schubert.
O Quarteto para Cordas nº 9 em Ré menor, *Opus* 34, foi escrito em poucos dias, entre 7 e 11 de dezembro de 1877. Naquele momento, Dvorak vivia sob o profundo impacto causado pela morte de dois de seus filhos, algo que deixou rastros no triste movimento lento da partitura. Brahms, a quem obra foi dedicada, não se deu inteiramente por satisfeito com o resultado no tocante à forma, que considerou imperfeita segundo seus altos padrões de exigência. O *Allegro* inicial vive da contraposição de dois admiráveis materiais temáticos, trabalhados dentro da forma-sonata, em um clima marcadamente eslavo. O *Scherzo* (*Alla polka*) é um movimento dançante, que mescla ternura e melancolia na tonalidade básica de Sol menor, conduzido com muita animação.
O *Adagio*, em Ré maior, *con sordina*, constrói-se sobre dois temas inspirados nos materiais do *Allegro* inicial e soa como uma comovida confissão. O *Poco allegro* final retorna à tonalidade principal da obra e é desenvolto e enérgico.
O Quarteto para Cordas nº 12 em Fá maior, *Opus* 96 – "Americano", foi escrito durante a primeira temporada que Dvorak passou nos Estados Unidos, iniciada em 1892. Passando o verão do ano seguinte no vilarejo de Spilville, no interior de Iowa, onde havia uma colônia de imigrantes checos, o compositor o colocou no papel ali mesmo, em poucos dias. Ele diria que pretendia que a partitura refletisse a alegria que sentia diante da beleza do espetáculo da natureza. Seu apelido, "Americano", deve-se à utilização, na obra, de escalas pentatônicas, a certos intervalos de sétima e a determinados ritmos sincopados – elementos comuns tanto à música checa quanto à música americana que o artista ouviu no Novo Mundo.
O *Allegro ma non troppo*, em forma-sonata, conta com temas amplos, bem característicos da generosidade melódica do autor. O *Lento*, em Ré menor, contém uma cantilena tão expressiva que alguns estudiosos o colocam entre os mais belos de Dvorak. No *Molto vivace* que vem em seguida, repleto de síncopas agitadas, ouve-se o cantar de um sanhaço ouvido naquele verão. O movimento final, *Vivace ma non troppo*, possui caráter predominantemente dançante e alterna explosões de vitalidade a passagens banhadas em melancolia eslava.

Franz Schubert (1797 – 1828)

Quinteto em Dó maior, D.956
Quartettsatz (Movimento de Quarteto) nº 12 em Dó menor, D.703

Sempre causa assombro dar-se conta de que, em apenas 31 anos de existência, Schubert tenha sido capaz de nos legar um conjunto tão grande de obras-primas. Sua fertilidade criativa, nesse sentido, talvez só possa ser mesmo comparada à de seu adorado modelo, Mozart. Segundo Mayhofer, amigo íntimo de Schubert, o temperamento deste era um misto de ternura e rudeza, de sensualidade e candura, de sociabilidade e melancolia. A música que ele escreveu, sobretudo a de câmara, dá a impressão de refletir essa pluralidade de aspectos psicológicos. O lirismo arrebatador, concretizado em melodias inesquecíveis, as harmonias cambiantes que oscilam entre tons maiores e menores, a peculiar agitação rítmica e a condução da forma, feita com freqüência através de caminhos inesperados, encontram-se entre as principais características da linguagem camerística do compositor.

O Quinteto em Dó maior, D.956, destinado a dois violinos, viola e dois violoncelos, foi escrito durante os últimos meses da curta existência de Schubert, na mesma época em que ele produziu as canções do ciclo *Schwanengesang* (Canto do Cisne) e as três derradeiras Sonatas para Piano. É unanimemente considerado uma das mais altas criações de todos os tempos no domínio camerístico. Enviado pelo compositor ao editor Probst, este o negligenciou. Assim, o Quinteto em Dó maior só seria editado 25 anos após o desaparecimento do autor.

O primeiro movimento, *Allegro ma non troppo*, é de grande extensão e complexidade. Os elementos da clássica forma-sonata aí são utilizados com liberdade e três materiais temáticos principais nele disputam a primazia do discurso, concebido com grandiosidade sinfônica. O *Adagio*, em Mi maior, que vem em seguida, de expressão reticente e de sonoridades pontilhistas, prefigura, através do seu tom misterioso, o universo do Romantismo.

No exuberante *Scherzo* (*Presto*), a tonalidade básica da obra volta à tona, ainda que relativizada por múltiplas modulações. O *Trio*, em Ré bemol maior, de densa atmosfera elegíaca, gera uma zona de forte contraste em meio ao andamento. O final, um *Allegretto*, combina elementos do rondó e da forma-sonata sobre três temas. Seu tom popular dá à obra um encerramento amigável que não faz lembrar, nem de longe, o terrível drama no qual o autor estava então mergulhado.

O *Quartettsatz* (Movimento de Quarteto) nº 12 em Dó menor, D.703, foi escrito em dezembro de 1820. Esse *Allegro* de quarteto foi um dos vários projetos deixados inacabados por Schubert durante aquele período. Ele só seria apresentado ao público em 1867. Desde os quartetos da adolescência, destinados à escola ou à casa, o compositor não voltara a abordar o gênero. Talvez tenha retornado à fórmula, como já lembraram Jean e Brigitte Massin, devido às "suas possibilidades de abstração e de rigor no plano de linguagem, que fazem parte da busca de Schubert, em um ano no qual a inspiração lhe falta". Marcado pelo tom trágico, pela liberdade na condução dos temas e na utilização das tonalidades, esse fragmento parece já pertencer à esfera do Romantismo. O autor abandonou a obra depois de ter composto em torno de 40 compassos de um segundo movimento, um *Andante* em Lá bemol.

Joseph Haydn (1732 – 1809)

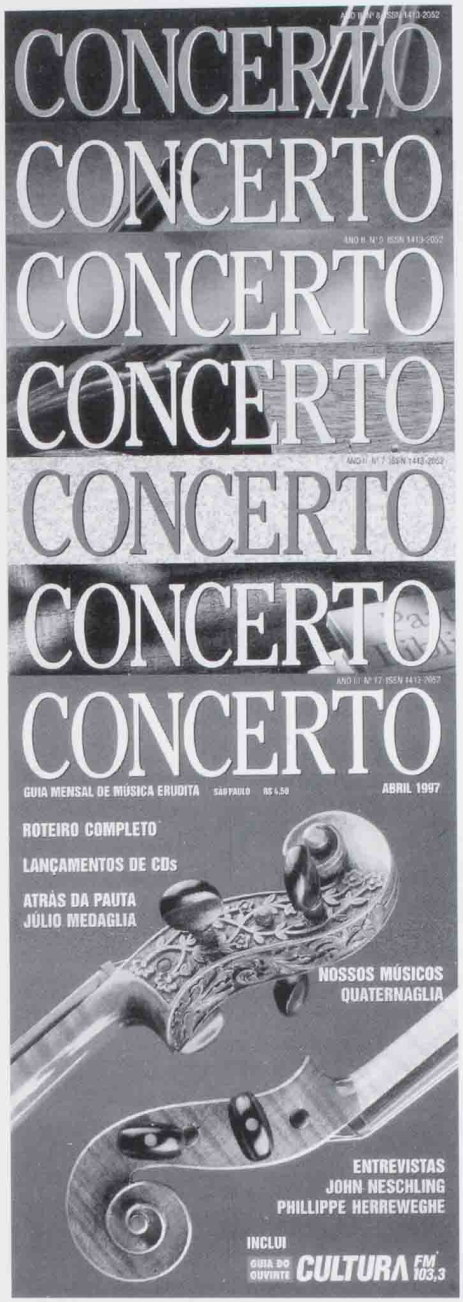
Quarteto em Si bemol maior, *Opus* 76 nº 4 (Hob.III.78) – "Alvorada"

Se não foi o único inventor do gênero quarteto de cordas, glória que ele reparte com Boccherini, Haydn levou-o às primeiras culminâncias criativas, oferecendo assim exemplos modelares ao amigo Mozart e ao aluno Beethoven. De toda sua vasta obra, são os quartetos o que melhor espelham tanto o seu lado humano quanto a sua personalidade artística. Seus quartetos de cordas constituem a mais completa crônica do seu crescimento como compositor, na medida em que se espalham por meio século da sua biografia criativa. Pesquisas recentes atribuem a Haydn sessenta e oito quartetos de autoria indiscutível.

O Quarteto em Si bemol maior, *Opus* 76 nº 4, pertence ao grupo de seis obras completado em 1797. Assim, ele data do último período do autor e é contemporâneo do oratório "A Criação". Seu apelido, "Alvorada",

de origem inglesa, deve-se aos compassos iniciais da partitura, que lembraram aos seus primeiros ouvintes o fenômeno de um radiante nascer do sol. O movimento inicial, *Allegro con spirito*, onde a forma-sonata é revisitada em pauta notadamente lírica, alterna de maneira genial sentimentos de imobilidade, de movimento e de paulatino crescimento da intensidade sonora e emocional. Vem em seguida o *Adagio*, em Mi bemol maior, subdividido em três episódios, onde a invenção melódica e harmônica do compositor atinge altíssimos patamares. O *Menuetto* (*Allegro*) que se segue é grandemente vivaz e concebido em clave popular que, no Trio, exibe-se por inteiro em sua inspiração centro-européia.
O movimento final, *Allegro ma non troppo*, de grande liberdade no tocante à forma, inicia-se com um tema que lembra uma contradança, para terminar em meio a uma quase frenética agitação, espécie de antítese do início da obra.

Coordenação editorial Rui Fontana Lopez
Projeto gráfico Carlo Zuffellato e Paulo Humberto L
Editoração eletrônica BVDA / Brasil Verde
Tradução Maria Cláudia Fittipaldi
Fotolitos e impressão OESP Gráfica



CONCERTO

GUIA MENSAL DE MÚSICA ERUDITA

Assinaturas ligue (011) 535-5518

Programa Membership Rewards da American Express®.

O céu não é o limite.

4.000 pontos

2.500 pontos

5.000 pontos

2.000 pontos

2.000 pontos

A American Express oferece um mundo de recompensas para seus Associados através do programa Membership Rewards. Cada dólar ou o equivalente em reais de despesas efetuadas com os cartões vale 1 ponto.

A partir de 2.000 pontos você pode ganhar um desconto de US$ 100 na instalação da TV por assinatura TVA. Pode também transferi-los para os programas de milhagem das companhias aéreas Air France e Swissair/Austrian AirLines ou para os programas de incentivo das redes de hotéis ITT-Sheraton, Renaissance e Westin.

E, com 2.500 pontos, você já pode contar com descontos na compra de equipamentos IBM.

Cada 4.000 pontos dão direito a uma diária para duas pessoas em hotéis espalhados pelo Brasil.

E com 5.000 pontos você pode optar por uma diária na locação de um automóvel na Localiza.

Em qualquer uma dessas duas últimas opções, você pode solicitar diárias consecutivas, de acordo com a sua disponibilidade de pontos.

Mas esse é só o começo.

Inscreva-se agora mesmo.
Ligue 0800 78-5050.

Membership Rewards

O Unibanco oferece ótimas opções para você, que deseja investir em você mesmo.

W/Brasil

Alguns dos melhores investimentos do Unibanco não são feitos para dar lucro. Mas podem trazer um excelente retorno para você.

O Unibanco mantém o Instituto Moreira Salles, que desenvolve uma programação cultural própria e diversificada. Suas atividades incluem exposições de arte, concertos, cursos, conferências e os Espaços Unibanco de Cinema – são mais de 20 salas de projeção no Rio, São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre.

Em cinema, o Unibanco já participou de filmes como A Ostra e o Vento, de Walter Lima Junior, Como Nascem os Anjos, de Murilo Salles, e Foolish Heart, de Hector Babenco.

Em música, o Unibanco patrocina vários projetos, que vão do clássico ao jazz. Nomes como Frederica Von Stade, Oscar Peterson e Betty Carter se apresentaram no Brasil através desse apoio.

São investimentos de primeira linha, que o Unibanco pretende manter em sua carteira por um longo prazo.

UNIBANCO

Banco Único